

“Memória” - H.P. Lovecraft

No vale de Nis a amaldiçoada lua minguante brilha tênue, rasgando um caminho para sua luz com fracos membros por entre a folhagem letal de uma grande árvore. E nas profundezas do vale, onde a luz não chega, se movem formas que não devem ser observadas. Alto são as pastagens em cada declive, onde miseráveis videiras e plantas baixas se arrastam entre as pedras de ruínas, entrelaçado-se forte em colunas quebradas e estranhos monolitos, erguendo-se nas bancadas de mármore, construídas por mãos já esquecidas. E em árvores que crescem enormes em pátios arruinados saltam pequenos macacos, enquanto em profundas galerias contorcem-se serpentes venenosas e coisas escamadas que não tem sequer nome.

Vastas são as rochas que dormem abaixo de camadas úmidas de charco, e imponentes eram as muralhas de onde elas caíram. Para serem eternas seus construtores as criaram, e em verdade ainda são muito úteis, pois embaixo delas o sapo cinza faz sua habitação.

Na maior profundidade do vale corre o rio Homh, cujas águas são lodosas e repletas de ervas daninhas. De fontes escondidas ele nasce, e para cavernas subterrâneas ele vai, tal que o Demônio do Vale não sabe porque suas águas são vermelhas, nem aonde elas acabam.

O Gênio que vive nos raios da lua se dirigiu ao Demônio do Vale, dizendo, “Eu sou velho e muito esqueço. Diga-me os feitos e aspecto e nome de quem construíra esses objetos de pedra.” E o Demônio respondeu, “Eu sou a Memória, e eu sou sábio nos conhecimentos do passado, mas também sou muito velho. Esse seres eram como as águas do rio Homh, não devem ser entendidos. Seus feitos não me lembro, pois eram apenas momentâneos. Seus aspectos me lembro vagamente, se pareciam com esses pequenos macacos que vivem nas árvores. Seu nome eu me lembro claramente, pois era parecido com o do rio. Esse seres do ontem se chamavam Homens.”

O Gênio voou de volta à fraca lua radiante, e o Demônio olhou atento para um pequeno macaco em uma árvore que crescia em uma construção destruída.